



Vasco Rosa

Centenário de «As Ilhas Desconhecidas» de Raul Brandão, II

O livro de Sousa Costa de 1929

A Ana Gil

Uma das maneiras de avaliar os méritos (ou, se quiserem, a posição) do livro açoriano de Raul Brandão consiste em medir o pulso à qualidade da literatura de viagens no arquipélago publicada em português nos anos seguintes, e à recepção que esta obteve na imprensa do arquipélago, ao contrário do que havia sucedido com *As Ilhas Desconhecidas*, que tais obras dificilmente poderiam ignorar mas que não recebeu efectivamente nesses mesmos anos imediatos um único comentário aprofundado digno do nome. Destaquei publicada em português pois seria inadvertido considerar que o livro de Brandão sobre os Açores tivesse sido lido por viajantes estrangeiros, na ausência de uma tradução disponível em língua inglesa ou francesa.

Vou dedicar uma nova série de artigos a apresentar alguns desses livros, e o que sobre eles foi escrito ou dito, porque isso ajudará a contextualizar panoramicamente a obra açórica de Brandão, assim como quem, num passeio longo, observa montículos e montes e os compara a uma montanha. É esta a parte que falta acrescentar ao que, em 2019, ficou feito em *Raul Brandão e os Açores*, e permitirá que se chegue ao verdadeiro centenário da primeira edição do livro — uma vez mais: em Maio de 2027 — com os pés e a cabeça num novo patamar de conhecimento. Para quem defende, há muito, ser esta uma das obras centrais do escritor, o trabalho *pro bono* que esta nova campanha exige será a continuação lógica do já feito. Repisar não é progredir. Esperar pelos outros não é intervir.

Ilhas das Três Formosuras de Alberto Mário de Sousa Costa (1879-1961), um magistrado de Vila Pouca de Aguiar formado em Coimbra e muito dado às letras, é o primeiro livro dum continental dedicado aos Açores depois de *As Ilhas Desconhecidas*. Precede *Ilhas do Infante. Um cruzeiro nos Açores: manchas & paisagens* de Guilherme de Moraes, escrito pelos 500 anos da descoberta do arquipélago e reimpresso em 2019 e 2024, e *No Mar Tenebroso* de Virgínia de Castro e Almeida, que a Livraria Clássica Editora imprimiu em 1934. Publicado pela Guimarães, o livro de Sousa Costa tem uma capa assaz tradicionalista, pois exibe um açor ao alto e em baixo os emblemas heráldicos das cidades de Ponta Delgada e do Funchal. Teria sido preferível que antecipsse a fabulosa ilustração que Stuart Carvalhais fez para o seu *Em Busca do Paraíso... Por Espanha, França e Portugal* (Guimarães, 1935).

De viagem a São Miguel para visitar familiares, Sousa Costa quis escrever sobre os Açores dois ou três livros de «manchas de perspectiva insulana» (p. 9), dando extensão geográfica ao seu *Milagres de Portugal*, de 1925, mas acabou por ficar na ilha verde 35 dias, e não mais voltou aos Açores, como prometera. Dez anos depois, no seu *Mapa Falado de Portugal* (1936), o que ali escreve resulta ainda das suas impressões de 1928. O título *Ilhas das Três Formosuras* não corresponde, portanto, a um verdadeiro roteiro arquipelágico, e as formosuras a que o autor se refere são a fortuna, a formosura da alma e a formosura do corpo. Segundo ele, em São Miguel «há ricos e pobres» mas não «miséria revolta», já que «os ricos não temem os pobres», que «se sujeitam ao que lhes coube por herança». A formosura da alma seria comprovada pela ausência de crimes de sangue, e a formosura do corpo é a da paisagem micalense, o «clima de estufa, banho-maria em que germinam todas as sementes e frutificam todas as flores», numa «exuberância de aspectos, culturas e espécies».

Além desta enorme simplificação, o verniz elegiaco percorre toda a crónica da viagem, e a superficialidade dos registos compromete a perenidade do testemunho do visitante. Não admira que na revisão que Agnelo Casimiro lhe dedica e adiante se repete, o que prevaleça é a ideia de que o autor quis mostrar que os Açores são «torrão ignorado» por «um Continente surdo e cego às pregoadas formosuras insulares», elevadas a uma forma de «beleza panorâmica e moral». O que sendo demasiado pouco para merecer o papel e a tinta dum livro, mesmo que de autor conhecido e prolixo, não impediu Casimiro de convidar o amigo Sousa Costa para ser um dos poucos continentais a escrever para o número especial da *Insula. Revista mensal ilustrada* comemorativo de meio milénio do descobrimento dos Açores, em meados de 1932. As coisas são o que são.

Vasco Rosa

«Na ciência o estudo comparativo das sociedades é o que mais seguramente conduz ao conhecimento das leis do progresso, na arte o melhor método de educar num povo as suas faculdades criativas consiste em o interessar nos espectáculos da Natureza, descrevendo-os com sinceridade e simpatia.» Estas palavras escritas em 1885 por Ramalho Ortigão traduzem um pensamento que acudia incessantemente ao meu espírito nas horas de requintado prazer espiritual que dediquei à leitura do recente livro de Sousa Costa — *Ilhas das Três Formosuras*. Essas palavras são a consagração da verdadeira finalidade moral desse livro magnífico.

Com efeito, esse livro, onde palpita no delicado encantamento da sua forma a sugestão das belezas naturais da ilha de São Miguel, não é um mero e banal *recueil de impressões de viagem*, como a de tantos cultores deste género literário, onde mais se adivinham as borbulhas de vaidade deambulatória do viajante do que as cintilações do pensamento normativo.

O Dr. Sousa Costa não descreve as belezas de São Miguel; sente-as. E ensina-nos a senti-las com ele. As suas descrições não lhe caem dos bicos da pena, sobem-lhe do coração.

No último verão o Dr. Sousa Costa repartiu com a ilha de São Miguel uma pequena parte das suas férias grandes. Esteve entre nós algumas semanas. E, espírito essencialmente

emotivo, os seus olhos pousaram tranquila e amorosamente sobre a paisagem e sobre a vida micalense. Sentiu-a; e como na frase de Amiel a paisagem tornou-se-lhe um «estado de alma» que ele nos patenteia orgulhosamente no seu livro de impressões que intitulou *Ilhas das Três Formosuras*, e que neste primeiro volume se refere à ilha de São Miguel. Ele próprio o confessa: «Escreituri o que vi e senti com olhos de ver e coração de sentir em terras micalenses.»

Outro fôra o pensamento que o dominara ao partir para esta excursão às ilhas, onde «dois corações desafiavam o seu coração». Atraía-o o afecto das pessoas de família que aqui tinha; mas atraía-o também a sede do seu espírito sequioso da contemplação das coisas belas vagamente enumeradas nos compêndios de corografia, mal aprendidas nas conversas e nos livros.

Dominado pelo coração e pelo espírito, o Dr. Sousa Costa veio até nós. E ao desembarcar na ilha de São Miguel, cujos encantos suponha reduzidos às Furnas e às Sete Cidades, logo ao contacto com a ilha, logo que começou a vê-la «de dentro para fora», ao inverso daqueles que apenas se contentam de a ver «de fora para dentro», o seu espírito se apressou a «encomendar os seus juízos antecipados» para a si mesmo se responder: «Isto não é o que eu suponha!»

Não era. Era muito mais do que ele podia supor. E foi por isso mesmo que ele quis demorar-se algumas semanas na ilha de São Miguel, preso do encantamento de quem sabe ver e de quem sabe sentir. É ele mesmo quem o confessa.

Esta explicação era necessária para se atingir com nitidez toda a finalidade moral deste formoso livro. Não é um livro de viagens à maneira romântica, entretecido de paisagens de deslumbramento de paisagens exóticas, recheado de motivos pitorescos, esmaltado de episódios aventureiros, subordinado sempre ao subjectivismo impressionista do seu autor; não é também um livro de viagens à maneira realista, armado de um metucioso senso crítico, denunciando uma educação educativa, decalcado num processo preconcebido de comparações sociológicas com sociedades mais cultas de países mais adiantados, numa intenção exemplificativa e estimulante. Nada disso. Os Açores não forneceriam a um romântico a paisagem colorida dos países exóticos, nem dariam a um realista os elementos necessários para um intuito normativo. E o Dr. Sousa Costa compreendeu-o admiravelmente.

O seu livro — *Ilhas das Três Formosuras* — não obedece nem às predilecções do romantismo, nem aos intuitos da escola realista. O seu livro é tão-somente um cântico de amor à região micalense, um hino de louvor à beleza panorâmica e moral da ilha de São Miguel, uma verdadeira apoteose à terra açoriana. O seu fim nem é o mero prazer de fazer literatura, nem o desígnio deliberado de apresentar a terra micalense como um modelo a seguir. É outro o seu fim: é «argir o Continente surdo e cego às apregoadas formosuras insulares»; é enaltecer este abençoado torrão que faz parte da terra portuguesa; é intensificar o «pregão» do pátrio ninho. E é por isso que o Dr. Sousa Costa termina o seu livro a avistar Lisboa no seu regresso com estas palavras: «Portugal? Sempre Portugal! Três dias e três noites de céu e mar. E é Portugal no último. E era Portugal no primeiro: — nas Ilhas das Três Formosuras!» [p. 247].

Estas palavras, que são a chave de ouro do seu livro, revelam que no momento sagrado da inspiração era bem a voz da Raça e o grito do Sangue que nele mandavam; que era, enfim, um torrão ignorado de Portugal que ele, em toda a sua pujante beleza, enaltecia.

É por isso que para o Dr. Sousa Costa a ilha é um desdobramento da terra continental. Restos da Atlântida? Sê-lo-ão talvez. Mas prefere o «depoimento escrito do infalível Dr. Gaspar Frutuoso» segundo o qual a ilha de São Miguel é o «gigantesco cadáver do poderoso Almouro», gigante arrastado desde o Tejo pelo «mar oceano» até encalhar nos rochedos chamados Formigas, «tornando-se o seu corpo inerte seio fecundo da criação». E a ilha de Santa Maria o corpo morto da moura Cardiga, mulher do gigante «convertendo-se igualmente as suas fibras em terra fértil»; sendo assim «as duas ilhas açorianas, colocadas a par, as estátuas jacentes de dois amorosos sepultados no deserto dos mares». E é ainda por isso que ao avizinhar-se dos Açores o Dr. Sousa Costa recorda Camões, «o épico dos descobrimentos marítimos lusitanos, o lírico dos lendários amores» de Portugal.

Ao desembarcar na ilha é ainda o pensamento de Portugal Continental que o domina: a ilha lembra-lhe o Algarve; sente-se nas ruas e praças de Faro e Olhão, o país de amendoeiras e laranjais. Somente a gente ilhoa é mais acolhedora, e a luz dos campos mais velada, mais indecisa, mais tímida...

Agora aprez recordar-lhe Coimbra em Ponta Delgada num pitoresco de forma e de cor.

Dir-se-ia que o Dr. Sousa Costa reclama com orgulho para o convívio das províncias de Portugal esta irmã distante, quase esquecida no deserto infinito dos mares. Pressente-se em cada linha o seu orgulho; adivinha-se que em cada emoção há este secreto e íntimo pensamento: «Esta é também a ditosa pátria minha amada.»

Bem-haja ao Dr. Sousa Costa pela finalidade moral do seu formoso livro!

Quanto lhe ficam devendo os Açorianos, eles saberão agradecer-lho.

Por mim agradeço-lhe pessoalmente pelo afecto que consagrou a esta linda terra; e agradeço-lhe ainda em nome do *Açoriano Oriental*, o mais antigo órgão de imprensa dos Açores, o órgão mais antigo de imprensa de Portugal.

Agnello Casimiro

O Açoriano Oriental, Ponta Delgada, 3 de Agosto de 1929, p. 5.